

190 27 31400 10

Os índios que apagam o sol

O ministro da Justiça tenta conter a onda de suicídios que já vitimou 235 índios guaranis de Mato Grosso do Sul

RUDOLFO LAGO

Enviado especial a Dourados

Eram 19h da última segunda-feira quando o ministro da Justiça, Néelson Jobim, deixou a aldeia Bororó, no posto indígena de Dourados (MS). Jobim entrou no ônibus com ar-condicionado fretado pelo Ministério da Justiça confiante de que as suas palavras – as promessas de obter sementes, máquinas, ferramentas e mais terra para os índios – poderiam, pelo menos, trazer mais otimismo e evitar por alguns dias novos suicídios entre os guaranis kaiwás. Para confirmar sua confiança, os índios faziam do lado de fora do ônibus imensa algazarra, cantando e dançando. Jobim deixou a aldeia Bororó. Cerca de quatro horas depois, o índio André Paulo, alheio às promessas do ministro, enforcou-se em uma árvore.

No dia seguinte, o abatimento de Jobim era evidente. Em vez de contribuir para acabar com os suicídios, sua presença na área parecia ter agravado o problema. Naquele período, três novos suicídios ocorreram: além de André Paulo, morreram os índios Odair Alves Lesscano e Luís Vidal. “É nossa obrigação atacar esse problema, mas as causas são tão complexas, as razões são tantas, que a tarefa assusta”, constatou o ministro.

“Se não fizerem alguma coisa por nós, é melhor apagar o sol”, resumiu o índio Amilton Lopes. Suicidar-se, ou apagar o sol, como dizem os guaranis, foi a via extrema escolhida por 53 índios apenas este ano, ou 235 desde 1986. Nos dois dias em que estive nas aldeias onde vivem os guaranis kaiwás de Mato Grosso do Sul, Jobim pôde constatar que a assustadora tendência desses índios ao suicídio decorre de uma série de fatores que levaram os guaranis a uma situação de miséria extrema e de perda da sua identidade cultural.

Sem perspectivas de sobrevivência, incapazes de se agarrar às antigas crenças guaranis, os índios optam pelo suicídio. Em sua maioria, os suicidas são jovens com menos de 20 anos, justamente aqueles menos identificados com a religião e os costumes guaranis.

O professor Antônio Brandt, que prepara uma tese sobre o suicídio kaiwá para a Universi-



dade Federal do Rio Grande do Sul, define as principais causas que levam os índios a essa atitude extremada. Muito pobres, os índios não têm terra para plantar. Vivem confinados em 15 reservas sem espaço. Para sobreviver, aceitam ser espoliados por fazendeiros e usineiros da região. Nas reservas, convivem com índios de outras etnias. Acabaram, assim, subjugados pelos terenas, que os tratam quase como escravos. “Parece haver um etnocídio consentido”, define o deputado Gilney Viana (PT-MS), que viajou à área indígena a pedido da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. “Os índios sofrem pressões de fazendeiros, de posseiros, de outros índios, o que os leva ao auto-extermínio”.

A convivência com outras religiões é apontada como outra das causas dos suicídios guaranis. Na entrada da reserva indígena de Dourados, destaca-se uma grande igreja presbiteriana. Pequenas seitas evangélicas espalham-se pelas aldeias. Há ainda padres católicos, mantendo o contato de mais de 400 anos com os índios.

“Religião de branco não bom para índio”, resume o pajé Paulito Aquino, 105 anos, o líder mais velho da região. Algumas seitas evangélicas chegam a proibir que os índios façam seus rituais de canto e dança. Consideram que tais rituais são “coisas do diabo”.

“Outro dia, um aluno da escola disse que estava sendo obrigado a escolher entre o mundo e a religião”, narra a professora Maria Alves. Como mundo, entenda-se tudo o que compõe a cultura guarani. “Pode-se imaginar o que significa para uma criança sentir-se privada do seu mundo”, conclui a professora.



Oca guarani: durante a visita do ministro Néelson Jobim às aldeias, três novos suicídios ocorreram

ETNIA	
O maior número de suicídios ocorre entre os kaiowás	
Etnia	Índice de suicídios
Kaiowá	71%
Terena	2%
Nandéva	13%
Não especificada	14%
Total	100%

Fonte: CGEP/DAF/FUNAI

MÉTODO	
O enforcamento é o método mais utilizado entre os índios suicidas	
Método	Total
Enforcamento	80%
Envenenamento	16%
Outros	4%
Total	100%

Fonte: CGEP/DAF/FUNAI

SEXO	
Os homens são maioria entre os índios suicidas	
Sexo	Total
Masculino	54%
Feminino	40%
Não especificado	6%
Total	100%

Fonte: CGEP/DAF/FUNAI



Amanhecer trágico: Gabriela encontrou o irmão Odair enforcado em uma árvore

Três histórias de suicídios

O dia amanhecia. A índia guarani kaiwá Gabriela Gomes, de 10 anos, levantou-se da sua esteira e saiu da maloca para beber água. Em um abacateiro em frente à casa, seu irmão Odair pendia de uma corda, enforcado. Gabriela deu um grito. Seu tio Paulo correu e, imaginando que ainda podia salvar o rapaz, subiu na árvore e cortou o galho onde ele se enforcara. Inútil. Odair desabou com o galho, morto.

Odair Alves Lescano, 17 anos, vivia em situação de quase absoluta miséria. Para sobreviver, aceitava trabalhos em fazendas e usinas de álcool, em regime semi-escravo. Há dois meses, tinha concluído seu último trabalho, numa usina. Odair ficou quinze dias trabalhando lá, longe de casa. Quando voltou, sua mulher havia fugido com outro índio.

"Ele dizia que ouvia a voz da mulher nas suas costas", conta a sua irmã mais velha, Mirian Aquino, de 29 anos. Saudoso e triste, Odair começou a beber. No último domingo, depois de beber o dia todo e brigar com a sua família, Odair saiu de casa e dirigiu-se a um poço próximo. Arrancou a corda do poço e com ela enforcou-se.

A história de Sidney Isnard, 17 anos, é surpreendentemente parecida com a de Odair. Sidney suicidou-se no dia 9 de novembro. Como Odair, também passou duas semanas em uma usina de álcool e, quando voltou, sua mulher também não

estava mais em casa. Mudara-se para a casa de seu pai. O rapaz foi à casa do pai de sua mulher, mas ela recusou-se a voltar.

Triste, Sidney andou a noite toda. Alguns dias depois, já comentava com os parentes que deixaria a sua bicicleta para um dos seus irmãos e a vaca para seu outro irmão. A família começou a vigiá-lo.

No dia do seu suicídio, Sidney saiu de casa bêbado e seus familiares o seguiram. Foi encontrado por um de seus irmãos, na mata. O irmão arrancou das mãos de Sidney a camisa já rasgada, que serviria para fazer a forca. Voltou para casa para avisar que tinha encontrado o rapaz.

Quando a família voltou, encontrou Sidney de joelhos, enforcado com a calça jeans. Ele amarrara a calça a um pé de angico. Como não havia altura suficiente para que se pendurasse, o suicida ajoelhou-se e empurrou-se para a frente até ficar sufocado.

Rosana, 13 anos, era irmã de Sidney e suicidou-se antes, no dia 30 de junho. O motivo é bem mais banal. Por isso, seu suicídio foi algo totalmente inesperado para seus pais. Rosana recebeu apenas algumas críticas da sua cunhada, que lhe cobrava o não cumprimento de algumas obrigações domésticas. Depois da discussão, Rosana saiu de casa e enforcou-se com o vestido.

Miséria é causa das mortes

Antes de embarcar no avião Avro da Força Aérea Brasileira de volta a Brasília, o ministro da Justiça, Nelson Jobim, determinou à Polícia Federal uma investigação nas usinas de álcool próximas dos municípios de Dourados, Amambá e Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul. Essas usinas estão próximas das reservas onde vivem os índios guaranis kaiwás. Dois dos suicídios mais recentes ocorridos entre os guaranis foram de índios que trabalharam nessas usinas, como cortadores de cana. Jobim constatou que as usinas pagam miseravelmente os índios e os mantêm num regime de semi-escravidão.

As primeiras ações tomadas pelo Ministério da Justiça e pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para resolver o problema dos suicídios dos guaranis atacam as causas econômicas. Na segunda-feira, Jobim assinou uma portaria aumentando de 60 hectares para 1240 hectares a área da aldeia Panambizinho, próxima ao município de Dourados. A Funai iniciou este ano um projeto de distribuição de sementes e ferramentas agrícolas para que os índios façam as suas roças de arroz, milho e feijão.

O próprio ministro Jobim reconhece que a abordagem apenas das causas econômicas não será suficiente para contornar todo o problema. Mas avalia que a situação de miséria dos índios está na raiz da insatisfação que leva o guarani a optar pelo suicídio.

Jobim quer trabalhar principalmente no sentido de restituir aos índios as suas terras originais. Ao longo dos anos, os guaranis foram sendo expulsos de seus territórios, até serem confinados em 1928 nas 15 reservas onde vivem hoje, misturados com os índios terenas e com os guaranis nhandéva. Na reserva mais povoada, Campestre, há

um índio para cada 0,04 hectare. Levando os índios de volta às suas terras significaria também livrá-los da convivência com outras etnias, mas um fator apontado como causa dos suicídios.

A tarefa, porém, não será fácil. Significará comprar brigas com os grandes fazendeiros de soja, de gado e de cana-de-açúcar que ocupam essas terras. Ao aumentar a aldeia Panambizinho, Jobim já teve uma mostra desse problema. Enquanto assinava na aldeia a portaria que autorizava o aumento da área, o ministro era o tempo todo observado por fazendeiros fortemente armados.

Os conflitos entre terenas e guaranis é outra causa de suicídios. No posto da Funai em Dourados (MS), todos os funcionários, com exceção do administrador, são índios terenas. Os terenas, que no passado foram escravos dos índios cintalarga, da mesma forma como já foram subjugados, hoje subjugam os guaranis.

Os problemas de convivência decorrem, de acordo com o professor Antônio Brandt, de diferentes "táticas de sobrevivência". Os guaranis kaiwás demonstram maior apego às suas raízes, à sua religião de 22 diferentes deuses, à medicina dos seus pajés. Os terenas preferem aproximar-se dos costumes dos brancos, rapidamente aprendem a falar português e logo estão vestidos como os fazendeiros.

A professora Maria Alves, que há 25 anos leciona na Escola Tengatiú Marangatu, em Dourados, percebe que a diferença entre terenas e guaranis kaiwás cria nos guaranis um complexo de inferioridade. "Os terenas falam português melhor", comenta a professora. "Conseqüentemente, se alfabetizam em menos tempo". Muitos dos jovens que se suicidaram nos últimos anos eram alunos da Escola Tengatiú Marangatu.

Fazendeiros armados observaram Jobim durante todo o ato de assinatura da portaria que amplia a reserva

AS ALDEIAS

■ O maior número de suicídios ocorre nas aldeias indígenas de Dourados, Caarapó, Amambá e Porto Lindo

Terra indígena	Superfície em hectares	População			1986 a 1995	
		Masc.	Fem.	Total	Número de suicídios	Índice sobre o total
Amambá	2429	2223	2398	4621	24	10%
Pirakuá	2384	118	154	272	6	3%
Caarapó	3594	1186	1171	2357	33	14%
Taquaperi	1888	844	871	1715	16	7%
Panambi	390	248	245	493	6	3%
Dourados	3539	4719	4427	9146	107	46%
Porto Lindo	1649	863	803	1666	20	9%
Sassoró	1935	780	768	1548	7	3%
Guasuti	595	83	72	155	2	1%
Rancho Jacará	778	116	145	261	1	0%
Limão Verde	668	189	191	380	4	2%
Guaibé	717	145	150	295	4	2%
Cerrito	1951	110	70	80	1	0%
Sucury*	1	55	45	100	1	0%
Total	22518	11679	11510	23189	232	100%

* A Funai está fazendo uma nova medição da área

Fonte: CGEP/DAI/FUNAI